

## *As Redes de Difusão dos Saberes no Turismo em Comunidades Tradicionais na Bahia*

### *The Networks of Dissemination of Knowledge in Tourism in Traditional Communities in Bahia*

**Salete Vieira**

Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador/BA, Brasil.  
E-mail: salete.vieira@gmail.com

**Clícia Maria de Jesus Benevides**

Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador/BA, Brasil.  
E-mail: cbenevides@uneb.br

**Natália Silva Coimbra de Sá**

Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador/BA, Brasil.  
E-mail: natalia.coimbra@gmail.com

*Artigo recebido em: 31-05-2024  
Artigo aprovado em: 20-02-2025*

## RESUMO

As estratégias de comunidades e povos tradicionais têm contribuído para que as mesmas se organizem por meios coletivos, em redes e alianças no turismo. Essas iniciativas vêm influenciando diversas práticas no Brasil e, em especial, na Bahia. Esse estudo busca identificar e analisar as principais redes de turismo que tecem as comunidades tradicionais do estado da Bahia, além de fazer um breve histórico e um registro da sua organização e de como essas redes funcionam atualmente. A metodologia consiste em pesquisa bibliográfica e análise de documentação técnica vinculada a essas experiências no período de 2010 a 2022. Após a análise e identificação das redes foram realizadas entrevistas semiestruturadas, entre 2022 e 2023, com lideranças do Instituto Pataxó de Etnoturismo, Rede EMUNDE (Rede Mundial de Étnico Empreendedorismo), Rede de Turismo de Itaparica, Rede BATUC (Rede Baiana de Turismo Comunitário) e da Rota da Liberdade de Turismo Étnico de Base Comunitária. Posteriormente, com base nos dados, foi utilizado o *software* Gephi para analisar as interligações existentes. Verificou-se que as redes de turismo em comunidades tradicionais baianas são uma estratégia de poder e (re)existência destes povos, que implica no fortalecimento e a necessidade de políticas públicas adequadas e estudos voltados a essas iniciativas.

**Palavras-chave:** Redes. Turismo. Comunidades tradicionais. Bahia.

## ABSTRACT

The strategies of traditional peoples and communities have contributed to their organization through collective means, in networks and alliances in tourism. These initiatives have been influencing several practices in Brazil, and especially in Bahia. This study seeks to identify and analyze the main tourism networks woven by traditional communities in the state of Bahia, in addition to briefly document the history of their organization and how these networks currently work. The methodology consists of bibliographic research and analysis of technical documentation linked to these experiences from 2010 to 2022. After the analysis and identification of these networks, semi-structured interviews were carried out, between 2022 and 2023, with leaders of Instituto Pataxó de Etnoturismo, Rede EMUNDE (Rede Mundial de Étnico Empreendedorismo), Rede de Turismo de Itaparica, Rede BATUC (Rede Baiana de Turismo Comunitário) and Rota da Liberdade de Turismo Étnico de Base Comunitária. Subsequently, based on the data, Gephi software was used to analyze the existing interconnections. It was found that the tourism networks in traditional Bahian communities are a strategy of power and (re)existence of these peoples, implying the strengthening and need for adequate public policies and studies aimed at these initiatives.

**Keywords:** Networks. Tourism. Traditional communities. Bahia

## 1. INTRODUÇÃO

Para a realização de análises contemporâneas sobre as transformações socioespaciais são necessárias cada vez mais pesquisas que se orientem por caminhos interdisciplinares, que são capazes de transpor fronteiras tangíveis e intangíveis a fim de se obter entendimentos da realidade pluridimensional que mobiliza no turismo, atores sociais e estratégias de interlocuções efetivas em um contexto cada vez mais mundializado (Dias, 2000).

As redes têm se estabelecido como uma ferramenta valiosa na compreensão das interações sociais, econômicas e culturais presentes em uma ampla gama de iniciativas. No âmbito do turismo em comunidades e povos tradicionais no Brasil, o estudo das redes complexas revela percepções profundas sobre os padrões de relacionamento, fluxos de informação e dinâmicas de colaboração que moldam essa atividade em constante evolução (Metz, Calvo, Seno, Romero & Liang, 2007).

As redes que são tratadas neste estudo têm um caráter de ação transformadora, implícita na quebra de paradigmas sobre a forma de organização, gestão e planejamento do turismo. Este que, para muito além de uma atividade econômica e de exploração de riquezas naturais e socioculturais de destinos ímpares, como as comunidades tradicionais, traz consigo muitos profissionais, técnicos e movimentos sociais de valores e princípios que se comunicam em prol do desenvolvimento socioeconômico das comunidades.

Observa-se que as estratégias políticas de grupos organizados e de movimentos sociais para a garantia e a preservação de territórios por eles ocupados tradicionalmente, a exemplo do que acontece com os movimentos indígenas, quilombolas, comunidades extrativistas e de fundo de pasto, têm contribuído para que as comunidades se organizem por meios coletivos, em redes, estabelecendo alianças locais e internacionais.

As comunidades tradicionais muitas vezes são detentoras de conhecimentos, práticas e tradições culturais únicas que são passadas de geração em geração. Ao promover o turismo nessas comunidades de forma sustentável, é possível valorizar e preservar sua cultura e patrimônio cultural (Brasil, 2018).

No Estado da Bahia há povos e comunidades tradicionais que realizam a atividade turística há décadas, criando sua própria forma de organizar e planejar o turismo. Este, por sua vez, aparece não como uma finalidade, não como a razão de ser das comunidades, mas como um meio que possibilita a manutenção do modo tradicional de viver (Ramiro, 2019).

No entanto, a análise das redes no turismo, particularmente em comunidades tradicionais, ainda enfrenta lacunas significativas, tanto teóricas quanto práticas. Conforme

Baggio e Cooper (2010), a aplicação da teoria das redes no turismo é incipiente, com poucos frameworks consolidados e uma predominância de estudos de caso isolados. Belletti & Marescotti (2021), apontam que embora as redes de comunidades tradicionais, como quilombolas, tenham potencial para promover o desenvolvimento sustentável do turismo, faltam pesquisas que explorem sua organização e funcionamento prático.

Todavia, esses grupos têm influenciado diversas práticas no Brasil, com destaque para o estado da Bahia. Apesar da escassez de dados, essas organizações e iniciativas exercem um papel significativo em todo o território baiano. Diante disso, o estudo tem como objetivo identificar e analisar as principais redes de turismo que tecem as comunidades tradicionais do estado, além de traçar um breve histórico da sua organização e ilustrar como essas redes de relações funcionam atualmente.

Na primeira seção é feita uma breve contextualização acerca das redes complexas e redes de turismo. Em seguida, na segunda seção, são apresentados os contextos de redes em comunidades tradicionais com os casos latino-americanos e brasileiros. Depois, são apresentadas a metodologia da pesquisa e a análise e discussão dos resultados. Por fim, são tecidas algumas considerações finais orientadas à articulação em redes de comunidades tradicionais com objetivos de fomento às atividades turísticas.

## 2. REFLEXÕES SOBRE REDES E REDES DE TURISMO

Morin (2005) considera que a complexidade envolve a inter-relação entre os objetos, bem como as interações existentes entre eles. Desta maneira, abarca também as relações sociais que compreendem a condição humana do conhecimento, assim como a diversidade, subjetividade, ambiente, questões econômicas, entre outros, que estão inseridos nessa abordagem. Nesse contexto, toda interação advém de redes complexas.

Barabási (2003) define redes complexas como um grafo (conjunto de pontos, no qual dois deles são conectados por uma linha caso haja uma aresta entre eles) com características topológicas (estrutura) especiais (não triviais), composto por vértices (nós) que são interligados por meio de arestas (conexões ou arcos). As redes complexas podem ser aplicadas em vários campos do conhecimento, tais como: Biologia, Computação, Sociologia, Antropologia, Artes, Linguística e Psicologia, entre outros.

Já o termo rede, de acordo com Halme (2001), se define pela capacidade de disseminação de informações e promoção do desenvolvimento aliado à sustentabilidade de instituições e membros que participam das mesmas. No entanto, o estudo da relação das redes

no turismo representa um campo pouco explorado, no qual algumas pesquisas têm possibilitado um melhor entendimento sobre o tema “redes”, fornecendo considerações que estabelecem relações entre os dois temas (Castells, 2000; Capra, 2007; Martinho, 2003; Lazzarini, 2008; Flecha, 2006). Moscardo (2011) reforça que a falta de entendimento sobre a implementação de redes colaborativas limita seu impacto no turismo sustentável, enquanto Lazzarini (2008) aponta para a escassez de dados empíricos e metodologias claras para analisar sua eficácia. Essas lacunas evidenciam a necessidade de mais estudos que integrem teoria e prática nesse campo.

Para Capra (2007, p. 27) redes são “uma das principais intuições da teoria dos sistemas sendo uma percepção de padrão que é comum a todas as formas de vida”, ou seja, mesmo sem ser formais, as redes quase sempre são estruturas invisíveis e visíveis. Elas são vistas e acionadas quando pessoas e grupos precisam delas e as utilizam para designar e qualificar sistemas, estruturas ou desenhos organizacionais compostos por indivíduos, grupos, iniciativas, organizações ou algum tipo de relação (Lazzarini, 2008).

De acordo Castells (2000, p. 498), as redes podem ser definidas como “estruturas capazes de se expandir de forma ilimitada, integrando novos ‘nós’ que consigam comunicar-se dentro da rede”, uma vez que os sistemas vivos em todos os níveis são redes que se caracterizam como um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação.

No que se refere à propriedade não hierárquica das redes, Martinho (2003) destaca que uma estrutura em rede se forma a partir da conectividade entre seus pontos ou nós, baseada na dinâmica produzida por esse tipo de sistema, que são: não linearidade (a rede se estende em todas as direções); laço de realimentação (as mensagens viajam ao longo de um caminho cíclico); capacidade de regular a si mesma (capacidade de corrigir seus erros e organizar-se a si mesma); multiplicação de ações (poder de expansão das conexões); dinâmica do relacionamento horizontal (ausência de uma relação de subordinação); e interdisciplinaridade (ancorados em perspectivas filiadas às várias correntes do chamado pensamento sistêmico e às teorias da complexidade).

Sendo assim, entende-se que é através de um número reduzido de nós que acontecem as maiores interações na rede, ou seja, um pequeno número de atores responde pela maior parte do fluxo de informações que, na maioria das vezes, não são adequadamente registradas e, nesse caso, demonstrando a falta de compromisso nas redes de desenvolver práticas eficientes de gestão da informação.

Rovere (1999) destaca que as redes se constituem como organizações flexíveis capazes de integrar as heterogeneidades de seus membros. O autor propõe cinco níveis para sua

construção: 1) reconhecer, com a percepção e aceitação do outro; 2) conhecer, com o interesse em compreender suas perspectivas; 3) colaborar, estabelecendo vínculos de reciprocidade; 4) cooperar, com ações sistemáticas para objetivos comuns; e 5) compartilhar, com acordos que permitem a partilha de recursos. Esses níveis fortalecem a sinergia, criam vínculos de colaboração e promovem a construção de significados e valores compartilhados, essenciais para o fortalecimento de lutas e objetivos coletivos. Por outro lado, as redes de turismo são uma forma de articulação entre iniciativas públicas e privadas com o objetivo de elevar ao máximo ou redefinir setores da sociedade para a área econômica (Furini & Silva, 2020). Resta, então, propor formas de administrar as infundáveis interações advindas destas redes, gerando parcerias e articulações segundo os diferentes grupos de interesses. Benko (2009) apresenta com ressalvas o termo governança e destaca-o como:

[...] “o conjunto dos modos de regulação entre o puro mercado e a pura política (do Estado Nação)”, e assim, enfatiza elementos importantes sobre uma forma de regulação que vai além da organização interempresarial. Chama-se ‘rede’ a dimensão espacial de uma forma de regulação das relações entre unidades produtivas, e ‘governança’ o modo de regulação dessas relações que é, em geral, a combinação de diferentes formas: hierarquia, terceirização, parceria, ‘atmosfera’, agências públicas ou para públicas (Benko, 2009, p. 121, grifos do autor).

A análise das redes de turismo passa a ser funcional na medida em que revela não somente as conexões, mas, também, a ausência destas, como destaca Flecha, Silva, Fusco e Bernardes (2012, p. 15) ao demonstrarem que o turismo na cidade de Ouro Preto-MG apresentava um “grande número de atores desconectados” das redes identificadas. Assim, mais do que os aspectos econômicos e de mercados envolvidos, é importante evidenciar que o setor de turismo apresenta características de desconexão que permitem o surgimento de propostas de criação de redes, na direção descrita por Di Felice, Torres e Tanaze (2012), o que envolve redes interativas e abrangentes, com novas perspectivas que poderiam ser adaptadas ao contexto dos atores do turismo.

As redes tratadas nesta pesquisa já são estruturadas com termos de compromissos, regulamentos e/ou outros instrumentos para que as mesmas cumpram suas funções principais: disseminação do conhecimento e ampliação de contatos. As redes advindas de comunidades tradicionais possuem ainda mais especificidades, como será visto na próxima seção.

### **3. AS REDES INTEGRADAS DE APOIO AO TURISMO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS NA AMÉRICA LATINA E BRASIL**

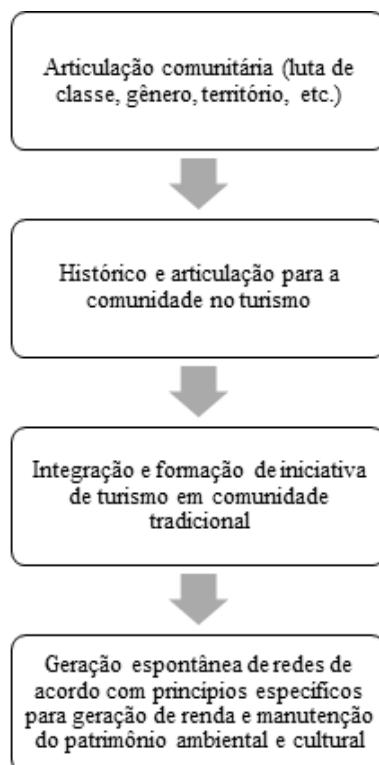
Este trabalho não pretende analisar de maneira específica as trajetórias históricas das redes de apoio ao turismo comunitário. Porém, é necessário que se faça um registro de maneira geral, entre os princípios mais importantes defendidos pelas redes, como a defesa do turismo ‘da’ e ‘para’ a comunidade, o modo de vida como atração principal, a partilha cultural e a conservação ambiental, a transparência no uso de recursos e a parceria social (Fontoura, 2009).

A gestão das redes integradas entre comunidades tradicionais que praticam turismo pode ser compreendida por um processo que exige dialogicidade para propiciar a existência concreta de espaços mais abertos e democráticos para tomadas de decisão (Oliveira & Gomes, 2020). Consiste, assim, em um contraponto, na medida em que as ações deixam de ser para as pessoas e passam a privilegiar as ações entre pessoas e entidades que assumem a responsabilidade cidadã (Tenório, 2012).

Diante dos dados obtidos pelas autoras durante observação na pesquisa de campo, verificou-se que existem etapas para a formação e articulação de atividades turísticas em redes nas comunidades tradicionais baianas, como se demonstra na figura 1:

Figura 1

**Formação e articulação de redes comunitárias de turismo em comunidades tradicionais.**



**Fonte:** As autoras, 2023.

Na América Latina, a Rede de Turismo Comunitário da América Latina (REDTURS), criada em 2001 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), buscou articular redes locais e nacionais para promover emprego, renda e valorização cultural. Embora inativa, influenciou práticas de turismo de base comunitária (TBC) em países como México e Argentina (Moraes, Irving & Mendonça, 2018). No Brasil, a Rede TURISOL, criada em 2003 com apoio da Embaixada da França, reuniu iniciativas como Prainha do Canto Verde (CE) e Acolhida na Colônia (SC), promovendo troca de experiências e capacitação. Em 2018, organizou o “II Fórum Global sobre Turismo Sustentável” em Salvador, consolidando diretrizes para o turismo sustentável (Flecha, 2010; Projeto Bagagem, 2017).

Outras redes brasileiras incluem a Rede TUCUM (CE), a Rede Nhandereko (RJ/SP), a Rede Caiçara de Turismo (PR) e a Rede BATUC (BA). A Rede Nhandereko, formada por comunidades caiçaras, indígenas e quilombolas, defende territórios e compartilha tradições (Martins, 2020; Rede Nhandereko, 2022). A Rede Tucum, criada em 2008, utiliza um “Caderno de Normas e Procedimentos Internos” para fortalecer comunidades e qualificar serviços turísticos (Freire, 2012). Já a Rede Caiçara, estabelecida em 2013, promove turismo sustentável no litoral paranaense, divulgando roteiros por meio de plataformas digitais (Brasil, 2015).

Diante disso, observa-se que os modelos de gestão mais utilizados nas redes de turismo são o Turismo de Base Comunitária (TBC) ou o Turismo Comunitário, que ganham destaque como estratégias que promovem a inclusão social, respeitam os saberes locais e fortalecem as identidades culturais. Ramos e Brito (2022) destacam o papel do TBC na criação de experiências autênticas e participativas, possibilitando que os visitantes tenham contato direto com os modos de vida tradicionais, ao mesmo tempo em que contribuem para a sustentabilidade das comunidades.

Para diversos autores (Sampaio & Coriolano, 2009; Bartholo, Sansolo & Bursztyn, 2009; Fabrino, Nascimento & Costa, 2016;), o turismo comunitário surge como um modelo de gestão que garante às comunidades tradicionais o protagonismo no planejamento, execução e distribuição dos benefícios da atividade turística. Essa perspectiva é reforçada por Emmendoerfer, Moraes e Fraga (2016), que destacam o turismo de base comunitária como uma ferramenta de empoderamento local e desenvolvimento sustentável.

Diferente do turismo convencional, que tende a segregar espaços entre turistas e moradores, o turismo comunitário se caracteriza por integrar os visitantes ao cotidiano das comunidades, transformando os territórios em espaços de encontro e troca de vivências reais e históricas (Sampaio & Coriolano, 2009). Essa abordagem é corroborada por Moraes, Irving e Santos (2018), que evidenciam como o turismo comunitário promove a valorização dos saberes

tradicionais e a conservação dos recursos naturais, fortalecendo a resiliência das comunidades frente aos desafios globais.

Além disso, estudos como Giampiccoli e Saayman (2018) reforçam que o TBC não se limita à oferta de experiências turísticas; ele é uma ferramenta de empoderamento, permitindo às comunidades o controle sobre os recursos, a organização das atividades e a gestão dos benefícios gerados.

Assim, ao estudar as redes complexas no turismo em comunidades e povos tradicionais no Brasil, é essencial considerar suas particularidades culturais, suas demandas e perspectivas próprias. O respeito à autonomia e ao protagonismo dessas comunidades é fundamental para uma pesquisa ética e colaborativa, onde os resultados possam ser utilizados em benefício mútuo, valorizando e preservando suas tradições e saberes ancestrais.

#### 4. METODOLOGIA

A metodologia adotada tem natureza qualitativa e se baseia em pesquisa bibliográfica e documental para orientar a fundamentação conceitual sobre o tema. Para a interpretação do caso das redes de turismo em comunidades tradicionais, fez-se a análise de documentação técnica vinculada a essas experiências no período de 2010 a 2022 e utilizaram-se entrevistas semiestruturadas com as atuais lideranças das redes de turismo analisadas pela pesquisa.

Para a identificação das redes de turismo com comunidades tradicionais foram realizadas consultas às comunidades tradicionais da Bahia que possuem visitação turística, bem como as que possuem parceria com universidades e outras entidades. Nesse contexto, foram identificadas cinco redes existentes no estado, sendo elas: Instituto Pataxó de *Etnoturismo* (Sul da Bahia), Rede EMUNDE de Turismo Étnico Afro (Salvador e Região Metropolitana), Rede Itaparica de Turismo de Base Comunitária (comunidades de pescadores e marisqueiras na Ilha de Vera Cruz), Rede de Turismo Comunitário da Bahia (Rede BATUC, com atuação todo território baiano) e Rota da Liberdade de Turismo Étnico de Base Comunitária (Recôncavo Baiano).

Foram entrevistados onze líderes comunitários para a pesquisa: duas lideranças da Rede Pataxó de *Etnoturismo*, uma da Rede EMUNDE (Rede de Empreendedorismo Afro Étnico), três da Rede de Turismo da Ilha de Vera Cruz, quatro da Rede BATUC (Turismo Comunitário da Bahia) e uma da Rota da Liberdade Turismo Étnico de Base Comunitária, totalizando onze entrevistas das cinco redes de turismo em comunidades tradicionais na Bahia identificadas. A

escolha e número de entrevistas se deu de acordo com a disponibilidade dos líderes, assim como sua função direta atuando com o turismo

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas entre agosto de 2022 e março de 2023, utilizando um questionário composto por 4 perguntas abertas e 3 fechadas. As perguntas abertas exploraram o processo histórico das redes, sua articulação, projetos exitosos e principais dificuldades. Já as perguntas fechadas buscaram informações sobre as parcerias estabelecidas, as comunidades que formam as redes e se estas já receberam ou recebem ajuda financeira externa. Por se tratar de povos tradicionais, as entrevistas foram conduzidas de forma a proporcionar conforto às lideranças, permitindo que falassem livremente sobre suas experiências.

Para caracterizar as ligações existentes entre as redes de turismo em comunidades tradicionais foi utilizado um grafo para demonstrar as conexões em rede, sendo o mesmo usado para outros tipos de conexão como as redes de comunicação (a internet), distribuição de eletricidade, gerenciamento e descoberta de surtos de doenças contagiosas, entre outras funções (Giordano, Bruning & Bordin, 2015). Assim, para ilustrar as redes, foi utilizado na pesquisa o software Gephi, que é uma plataforma interativa de visualização e exploração de vários tipos de redes. O Gephi foi escolhido devido a vantagem de ser uma ferramenta livre, além do aprendizado e desenvolvimento utilitário rápido e didático.

## 5. FORMAÇÃO DAS REDES DE TURISMO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS NA BAHIA

Nesta sessão apresentam-se os resultados da pesquisa de campo realizada, com visitas e entrevistas com comunitários e técnicos (*stakeholders* identificados pela pesquisa), a fim de compreender se as iniciativas das comunidades tradicionais baianas participam de alguma rede de turismo para fomento da sua atividade e quais seriam estas.

A partir dos dados coletados nas entrevistas, foram elaborados os quadros 1, 2, 3, 4 e 5 caracterizando cada uma das redes, com seu histórico e forma de articulação atual. Não foram consideradas para a pesquisas redes que não possuíssem em sua constituição comunidades tradicionais.

Quadro 1

**Rede Itaparica de Turismo de Base Comunitária.**

<b>Rede Itaparica de Turismo de Base Comunitária</b>	
<b>Histórico e área de formação direta</b>	Desde 2019 diversas iniciativas localizadas na Ilha de Vera Cruz buscam constituir a Rede Itaparica de Turismo de Base Comunitária com a finalidade de estruturar a atividade turística como um vetor de desenvolvimento sustentável das comunidades da ilha. A constituição dessa Rede, de acordo com os comunitários, permitirá uma ação coordenada dos roteiros turísticos presentes nas comunidades de Mar Grande/Jaburu, Jiribatuba, Matarandiba, Itaparica e Tairu, incentivando o uso consciente e a valorização dos recursos naturais e socioculturais destas comunidades.
<b>Forma de articulação atual</b>	Ainda não possuem atividades oficiais, estão aguardando os resultados dos editais. No entanto, realizam reuniões regularmente entre seus membros. Participam atualmente de atividades da Rede BATUC, como um dos fundadores e principais lideranças.

**Fonte:** Entrevistas concedidas às autoras, 2023.

Composta por dois municípios, Itaparica e Vera Cruz, a região é considerada um grande reduto natural da Baía de Todos os Santos, com praias, manguezais, Mata Atlântica, rios, recifes de corais, peixes e aves migratórias. Por estar dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) da Baía de Todos os Santos, abriga diferentes unidades de conservação municipal como a APA Recife das Pinaúnas, o Parque Ecológico do Baiacu e Estação Ecológica Ilha do Medo. Há também uma diversidade de riquezas culturais e sociais como artesanato, pesca e mariscagem, manifestações culturais e igrejas que remontam o período colonial. De acordo com os entrevistados, as comunidades pesqueiras da Ilha de Vera Cruz sempre foram muito visitadas, principalmente na época do carnaval, por moradores da cidade de Salvador e região, devido ao seu apelo turístico e águas calmas e quentes. Porém, nunca houve um movimento entre os empreendimentos, guias de turismo, barqueiros e outros agentes do trade turístico. Atualmente, os roteiros têm formatação para turistas nacionais e estrangeiros com fluxo constante, tendo como um dos atrativos de destaque o Banco Ilhamar, um banco comunitário que através de sua moeda própria, a Concha, faz a economia dos moradores circular em sua região.

Quadro 2

**Rede EMUNDE de Turismo Étnico Afro.**

<b>Rede EMUNDE</b>	
<b>Histórico e área de formação direta</b>	É uma organização de redes, rotas trilhas, vias e polos para a valorização do empreendedorismo de negros, mulheres e turismo étnico afro. Surgiu em 2014, antes da Copa do Mundo FIFA Bahia, através do I EMUNDE (Encontro Mundial de Étnico Empreendedorismo) que reivindicava a participação de negros e mulheres na Copa do Mundo na Bahia, apresentando estes empreendimentos e os grupos que defendiam a consolidação desta política. Sua primeira formação tinha como principais articuladores funcionários públicos ligados ao turismo no estado da Bahia (Secretaria de Turismo da Bahia), a Secretaria de Igualdade Racial da Bahia e o ex-secretário de cultura das prefeituras de São Francisco do Conde e Camaçari. Organizaram diversos eventos, principalmente o Congresso de Turismo Étnico Afro da Bahia (CONTEA) desde 2019.
<b>Forma de articulação atual</b>	Esta rede vem articulando vários segmentos do Turismo Étnico Afro. Apesar das limitações impostas durante a pandemia da COVID-19, as atividades não paralisaram, acontecendo reuniões, <i>lives</i> e inclusive o CONTEA de forma virtual. Também começaram a desenvolver um novo aplicativo em parceria com a Universidade do Estado da Bahia (UNEBA) com a finalidade de oferecer aos visitantes informações sobre as comunidades, rotas e atrativos da rede. Atualmente, a realização de atividades presenciais e roteiros está voltando aos poucos.

**Fonte:** Entrevista concedida às autoras, 2023.

O empreendedorismo étnico tem ganhado destaque nas últimas décadas, à medida que indivíduos de diversas origens étnicas buscam oportunidades para criar e administrar seus próprios negócios (Truzzi & Sacramento Neto, 2007). Nesse cenário, a Rede EMUNDE surgiu como uma iniciativa inédita, visando criar uma rede global de empreendedores étnicos que compartilham experiências, conhecimentos e oportunidades de negócios. Através de plataformas online, eventos, live e parcerias, a rede visa promover o aprendizado mútuo, a partilha de boas práticas e a identificação de oportunidades de mercado.

A Rede EMUNDE, desta maneira, representa uma forma de abordagem que busca conectar empreendedores étnicos, fomentando a colaboração, o aprendizado mútuo e o crescimento econômico inclusivo. Embora desafios possam surgir, o potencial de impacto positivo dessa rede na economia global e na promoção da diversidade e inclusão justifica o esforço contínuo para sua construção e manutenção.

Quadro 3

**Instituto Pataxó de Etnoturismo.**

<b>Instituto Pataxó de Etnoturismo</b>	
<b>Histórico e área de formação direta</b>	O Instituto Pataxó busca promover o desenvolvimento e disseminar a prática do Etnoturismo, agricultura, meio ambiente e cultural em Terras Indígenas como uma atividade sustentável. Foi criado em 1999 por uma série de lideranças indígenas, oriundas principalmente da Aldeia Coroa Vermelha. Muitas das aldeias se encontram próximo às áreas urbanas. Portanto, em virtude de suas localizações, a expansão urbana tem trazido uma forte pressão para a área, não apenas por parte de empreendimentos imobiliários, mas também os impactos sociais pela ameaça ao meio ambiente, queimadas, dentre outras atividades que degradam o patrimônio natural.
<b>Forma de articulação atual</b>	As comunidades indígenas Pataxó são atualmente constituídas por doze aldeias (Aldeia Pataxó da Jaqueira, Mirapé, Novos Guerreiros, Aldeia Velha, Pé do Monte, Imbiriba, Coroa Vermelha, Nova Coroa, Mata Medonha, Araticum, Aroeira, Barra Velha). As comunidades receberam incentivos governamentais para capacitação em turismo, além de máquinas, equipamentos e construções para a recepção de turistas, o que inclui portais, melhoria de acessos e hospedagem.

**Fonte:** Entrevista concedida às autoras, 2023.

De acordo com os depoimentos, o Instituto Pataxó de *Etnoturismo* emergiu como um exemplo de iniciativa que busca promover o turismo sustentável e a preservação da rica herança cultural do povo Pataxó, uma comunidade indígena originária do Brasil. Fundado sobre princípios de autenticidade, respeito e preservação, esse Instituto desempenha um papel fundamental na manutenção das tradições ancestrais, enquanto contribui para o desenvolvimento econômico e a conscientização sobre a importância da cultura indígena.

São realizados diversos roteiros, dependendo do objetivo do grupo de visitantes, como pesquisa científica, casamento tradicional, confecção de artesanato, entre outros, com foco na preservação e compartilhamento de valores, costumes e saberes do povo Pataxó. Através de experiências turísticas, os visitantes têm a oportunidade de se engajar diretamente com os Pataxó, conhecer suas formas de vida, aprender sobre suas tradições, artesanato, gastronomia e medicina tradicional.

Além de destacar a cultura Pataxó, o Instituto também ressalta a profunda relação que essa comunidade tem com o ambiente natural. Os Pataxó têm uma conexão intrínseca com a terra, e assim compartilham seu conhecimento sobre a conservação da natureza, a medicina das

plantas e a importância de um equilíbrio ecológico saudável. Desse modo, isso pode criar uma sinergia entre a valorização cultural e a proteção do meio ambiente.

Quadro 4

**Rota da Liberdade Turismo Étnico de Base Comunitária.**

<b>Rota da Liberdade Turismo Étnico de Base Comunitária</b>	
<b>Histórico e área de formação direta</b>	O grupo de Rota da Liberdade Turismo Étnico de Base Comunitária é desenvolvido pelo núcleo de Turismo Rota da Liberdade oriundo do Conselho Quilombola da Bacia do Iguape. É constituído por representantes de comunidades remanescentes de quilombo e percorre seis comunidades quilombolas da região no entorno da Bacia do Iguape. São formados por representantes, lideranças e moradores dos quilombos Kaonge, Dendê, Kalembo, Engenho da Ponte e Santiago do Iguape. A proposta é usar a atividade turística como caminho para fomentar a economia solidária na região, a partir da cultura e da tradição dos quilombos. Essa rede foi formada a partir da crescente vontade de lideranças quilombolas locais, que vislumbraram no turismo a possibilidade de promover a autonomia socioeconômica de suas comunidades. A iniciativa se deu em 2005, quando jovens das comunidades, participantes de programas ligados ao Ponto de Cultura, mapearam e verificaram que a região seria propícia ao desenvolvimento do turismo étnico.
<b>Forma de articulação atual</b>	Atualmente a Rota da Liberdade é construída de forma participativa pelas comunidades dos quilombos do Iguape. Foram desenvolvidos três roteiros que buscam valorizar tudo o que é produzido pelos quilombolas, como: azeite de dendê, farinha de mandioca, ostras e o artesanato. A rede também participa de outras redes em nível estadual e nacional.

**Fonte:** Entrevista concedida às autoras, 2023.

A Rota da Liberdade comercializa seus roteiros diretamente com representantes, via site, telefone ou agências especializadas em turismo étnico e comunitário. O fluxo é constante, com destaque para a Festa da Ostra e a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte em Cachoeira (BA), que atraem muitos turistas. Eles oferecem hospedagem familiar, pousada e restaurante, com três roteiros focados em saberes quilombolas: o "roteiro dia a dia" inclui encontros com griôs, visita a um terreiro de umbanda e fabricação artesanal de farinha, azeite de dendê e xaropes medicinais; o "roteiro histórico" propõe uma vivência náutica pelo Rio Paraguaçu e manguezais, com visita a ostreicultores; e o "roteiro quilombos" permite interação com moradores locais, participando de práticas culturais, culinárias e espirituais.

Os griôs quilombolas impulsionam esse turismo, chamado de "um novo modelo" por sua gestão participativa e comunitária. A iniciativa promove o acolhimento de turistas para convivência e participação em oficinas e passeios culturais, fortalecendo expressões culturais e resgatando tradições através do Centro de Educação e Cultura Vale do Iguape (CECVI) e do Conselho Quilombola. As comunidades também possuem uma moeda social, o Sururu, administrada pelo Banco Comunitário Solidário do Iguape, que oferece microcréditos sem juros.

Quadro 5

**Rede de Turismo Comunitário da Bahia (Rede BATUC).**

Rede BATUC	
Histórico e área de formação direta	A ideia da Rede de Turismo Comunitário da Bahia deu-se início nos encontros da Rede TURISOL (2015), onde diversos representantes baianos participavam. Em 2018, durante o Fórum Global de Turismo Sustentável no Fórum Social Mundial, em Salvador, com o apoio do Projeto Bagagem, a rede começou a se consolidar com mais membros de todo o estado, incluindo quilombolas, indígenas, fundo do pasto, pescadores e marisqueiras. Durante a Feira Estadual de Agricultura Familiar, em 2019, o Fórum teve seu início com 15 membros fundadores, entre iniciativas e técnicos. Em 2020, foi “batizada” como Rede BATUC e, no mesmo ano, concorreu e ganhou o prêmio Ashoka, importante premiação do turismo sustentável. Fizeram diversas oficinas de construção e planejamento em economia solidária, formação de redes, o que contribuiu para a elaboração das principais diretrizes do regimento geral. Em novembro de 2021 teve seu primeiro encontro presencial, em 2022 também outro, com estrutura mais desenvolvida e debates sobre a inclusão de novas comunidades e perspectivas futuras por conta de sua expansão.
Forma de articulação atual	Após terem vencido o prêmio Ashoka, em 2020, os membros da rede passaram por mentorias, reuniões e cursos para melhor estruturar os objetivos da rede. Agora, com regimento geral quase finalizado, os comunitários estão passando por um curso de capacitação para o turismo comunitário. Há também atividades em outras frentes como a de comunicação e de articulação, que busca viabilizar um curso de graduação em turismo voltado para turismo comunitário e novos editais para as comunidades, além da implantação do Conselho Estadual de Turismo Comunitário na Bahia.

**Fonte:** Entrevista concedida às autoras, 2023.

A Rede BATUC origina-se das lutas pelo reconhecimento cultural e conservação ambiental das comunidades locais, integrando iniciativas como hospedagens familiares, trilhas,

oficinas artesanais e festivais culturais. Organizada em um sistema interligado, promove a troca de recursos, boas práticas e conhecimentos (Lima, 2023). A Rede fortalece as comunidades, fomentando um turismo responsável, inclusivo e sustentável, com reconhecimento evidenciado por prêmios como o *World Travel Market Latin America e Global* (2023).

Sua capacidade de articulação reúne técnicos, comunitários e instituições em toda a Bahia, destacando iniciativas como "Matarandiba", "Reserva Pataxó da Jaqueira" e "Quilombo Kaonge", comunidades que também se consolidam como referências em outras redes (Vieira, Benevides & Sá, 2023).

## 6. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS REDES TURISMO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS NA BAHIA

A análise das redes complexas no turismo, conforme Barabási (2003), Castells (2000) e Halme (2001), destaca a importância de identificar as interações entre os atores e a capacidade das redes de se organizarem, adaptarem e gerirem desafios de forma colaborativa. Isto posto, foi construído o quadro 6, que compara as fortalezas e os desafios das redes de turismo em comunidades tradicionais.

Quadro 6

**Fortalezas e Desafios das Redes de Turismo de Comunidades Tradicionais na Bahia.**

Fortalezas	Desafios
<p>Capacidade de articulação comunitária: As redes demonstram elevado nível de organização e interação entre seus membros, promovendo colaboração e troca de experiências.</p> <p>Valorização cultural: A integração do turismo às práticas culturais e tradicionais é uma das principais forças, permitindo que as comunidades preservem e promovam suas identidades.</p> <p>Inovações sociais: Iniciativas como os Bancos Comunitários e o uso das moedas são exemplos de criatividade e adaptação às realidades locais.</p>	<p>Infraestrutura limitada: A falta de acesso adequado a recursos materiais e logísticos compromete a eficácia das redes.</p> <p>Escassez de financiamento: Muitas redes enfrentam dificuldades para obter recursos financeiros consistentes para sustentar suas atividades.</p> <p>Apoio institucional intermitente: Apesar de algumas iniciativas públicas, a ausência de políticas estruturadas limita o crescimento e a consolidação das redes.</p>

**Fonte:** As autoras, 2025.

Observa-se, como fortaleza, o alto nível de interação entre os membros das redes que reflete as características de redes colaborativas descritas por Rovere (1999). A articulação comunitária promove a disseminação de informações e o fortalecimento das conexões entre

diferentes atores, essencial para a preservação das tradições culturais e o desenvolvimento socioeconômico das comunidades. Além disso, a integração do turismo às práticas culturais e tradicionais confirma o papel das redes como instrumentos de valorização identitária e empoderamento comunitário, conforme destacado por Moraes *et al.* (2018). Essa prática não só preserva o patrimônio imaterial, mas também posiciona as comunidades como protagonistas no cenário turístico.

Como principais desafios se destacam as dificuldades de acesso e logística que comprometem o desempenho das redes, corroborando com os estudos de Lazzarini (2008), que destacam a dependência de infraestrutura adequada para o sucesso de iniciativas colaborativas.

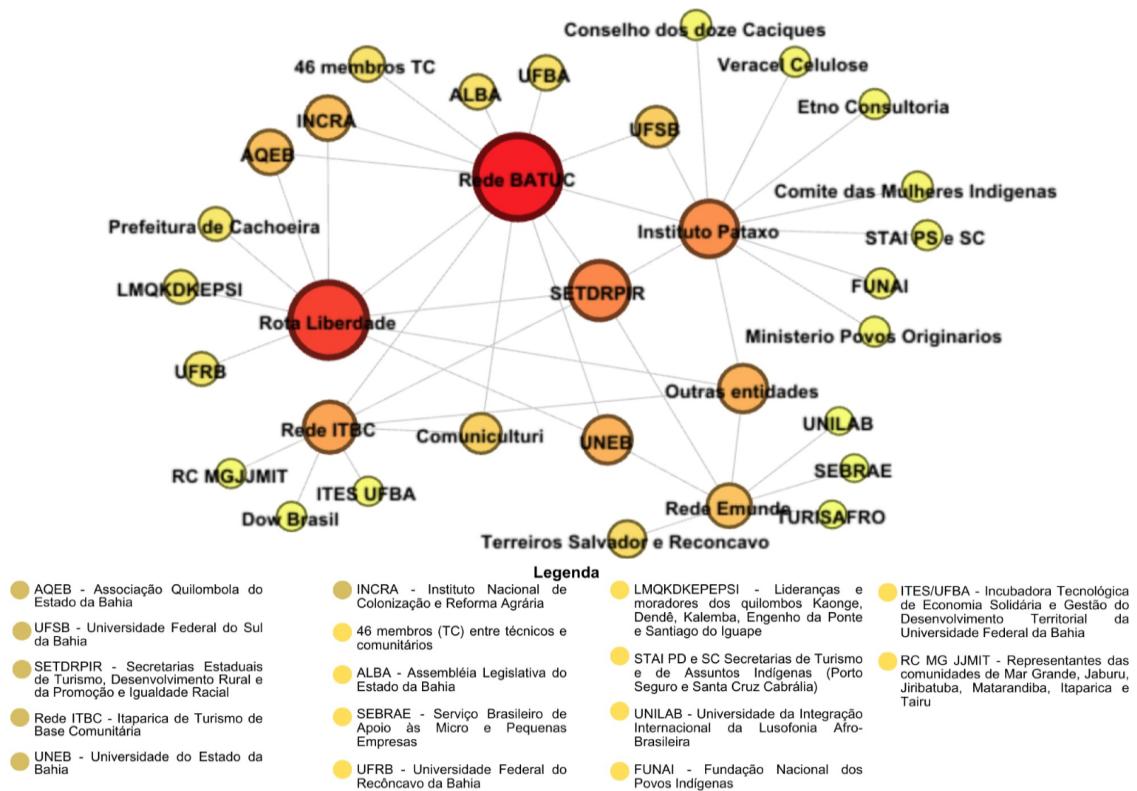
Existem ainda a intermitência de recursos financeiros que se torna uma barreira recorrente para a continuidade das redes. Isso reflete a falta de políticas públicas consistentes, conforme argumentado por Dias (2005) e Belletti & Marescotti (2021) sobre a necessidade de maior envolvimento estatal no suporte a essas iniciativas. A ausência de políticas estruturadas, mencionada por Benko (2009), compromete o crescimento das redes e evidencia a lacuna de articulação entre governos e comunidades para fortalecer a governança participativa no turismo.

De acordo com as comunidades ouvidas, o auxílio governamental e a captação de recursos em editais, não apenas do governo, mas também de Ongs (Organizações Não Governamentais) e empresas privadas, ainda está bem abaixo do esperado, pois as localidades necessitam também de recursos básicos para sua estruturação, como a falta de posto de saúde nas comunidades da Rota da Liberdade, acessibilidade de transportes na Rede de Turismo Comunitário de Itaparica.

Para ilustrar como se dão essas relações, conforme indicado anteriormente, foi utilizado o *software* Gephi, para geração de um grafo das redes de turismo em comunidades tradicionais na Bahia e suas ligações. Para Barabási (2003) a utilização de grafos é uma das soluções para representar a relação entre os objetos de um determinado conjunto, onde alguns pares de objetos, vértices, também chamados de nós ou pontos, são conectados por bordas, também conhecidas como linhas ou arcos.

A partir da base de dados coletada, foi possível mapear as principais conexões de cada rede, representadas pelas arestas (linhas de ligação), e identificar os *hubs* (pontos de convergência) que possuem maior influência no sistema. O grafo resultante ilustra o nível de articulação e o estágio de desenvolvimento das redes analisadas, conforme demonstrado na Figura 2.

Figura 2

**Grafo das Redes de Turismo em Comunidades Tradicionais na Bahia.**

**Fonte:** as autoras, 2023.

Neste grafo observa-se que os *hubs* (instituições que mais possuem articulações) que possuem maior influência estão ilustradas com esferas laranjas e vermelhas. Assim as esferas maiores são as que tem mais interações, as próprias redes pesquisadas e instituições que são comuns à todas. E as arestas, que são específicas para cada rede, apresentam-se em esferas amarelas, como é o caso das prefeituras e secretarias de turismo municipais.

Verifica-se neste grafo a grande interação de órgãos públicos como as secretarias estaduais de Turismo, de Desenvolvimento Rural e de Promoção e Igualdade Racial, que apresentam editais exclusivos para projetos de turismo nestas comunidades tradicionais na Bahia. Porém, de acordo com os dados coletados, não são suficientes para sua aplicação efetiva e acontecem de maneira esporádica, ainda que com maior interesse desde as mudanças no quadro político e gestor no início de 2023.

Há ainda a interação com universidades estaduais e federais, através de pesquisas e projetos específicos, como a Incubadora Tecnológica de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal da Bahia (ITES/UFBA) que desenvolvem projetos junto à comunidade de Matarandiba há quase 20 anos. Ainda, a

Universidade do Estado da Bahia, cujas pesquisas de pós-graduação com comunidades tradicionais na Bahia e suas relações com o turismo impulsionam a difusão do conhecimento.

Além disso, há ligações únicas e específicas com as associações e conselhos das próprias iniciativas, como o Conselho das Mulheres Indígenas no Instituto Pataxó de *Etnoturismo*, as lideranças de cada comunidade pesqueira e marisqueira da Rede Itaparica de Turismo e as lideranças quilombolas da Rota da Liberdade Turismo Étnico de Base Comunitária.

No entanto, de acordo com os entrevistados, mais que um problema de financiamento, seria importante considerar também as agendas de desenvolvimento. Em muitos casos, essas redes começam com grandes planos estratégicos, baseados em agendas externas que cumprem os requisitos de cooperação internacional, conservação, pesquisa, promoção turística, impacto político etc. e desconsideram os múltiplos fatores que podem contribuir para o fortalecimento do turismo em comunidades tradicionais.

Embora esses objetivos sejam desejáveis e necessários, à medida que os projetos avançam, tornam-se mais complexos. Isso dificulta, tanto para as comunidades quanto para aqueles que as apoiam, identificar formas de dar continuidade a essas amplas agendas quando os recursos se esgotam e o apoio técnico constante e próximo não pode ser garantido.

No caso das redes de turismo em comunidades tradicionais da Bahia, a articulação entre os conceitos de território, desenvolvimento territorial e TBC evidencia como práticas turísticas podem ser transformadoras. Redes como a Rede BATUC e a Rota Liberdade revelam como o fortalecimento de parcerias locais, a valorização cultural e a geração de renda se conectam diretamente a esses conceitos.

Por outro lado, os desafios observados, como a infraestrutura limitada e o financiamento escasso, podem ser compreendidos à luz do desenvolvimento territorial, que demanda a convergência de esforços entre atores locais, regionais e institucionais (Carneiro *et al.*, 2021). O turismo de base comunitária aparece, então, como uma via estratégica para transformar essas redes em agentes efetivos de desenvolvimento.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos na pesquisa revelam tanto fragilidades quanto potencialidades na articulação de relações e alianças formais e informais baseadas em princípios de solidariedade. Essas dinâmicas são fundamentais para o intercâmbio e o compartilhamento de informações, conhecimentos e recursos no processo de construção coletiva de redes de turismo em comunidades tradicionais. Entre os desafios mais relevantes para o desenvolvimento dessas

redes na Bahia, destacam-se a infraestrutura limitada, as dificuldades de acesso a financiamento e capacitação, além da necessidade de equilibrar a autenticidade das experiências com as demandas turísticas. Tais obstáculos exigem esforços contínuos das próprias redes e a ampliação da articulação entre os diferentes atores envolvidos.

As redes pesquisadas demonstram potencial como processos de gestão social, sinalizando novas possibilidades para o planejamento e a gestão do turismo e do lazer sob uma perspectiva mais humanizada. A criação e o fortalecimento de redes de turismo para comunidades tradicionais representam uma abordagem inovadora, mas sua consolidação como instrumento efetivo de gestão e desenvolvimento social depende da integração entre os diversos elos que compõem esses projetos. Observou-se que essas redes têm sido articuladas e fortalecidas pelos próprios atores locais, o que reforça sua relevância e potencial transformador. No entanto, para garantir sua efetividade e perenidade, torna-se imprescindível um planejamento coordenado e estruturado, com maior envolvimento das entidades públicas responsáveis pelo fomento ao turismo e ao desenvolvimento social, como a Secretaria de Desenvolvimento Rural, a Secretaria de Igualdade Racial e a Secretaria de Turismo da Bahia.

A pesquisa contribuiu para a compreensão das redes complexas no turismo, fundamentando-se em autores como Barabási (2003), Castells (2000) e Halme (2001), que destacam a importância das interações entre atores e a capacidade das redes de se organizarem e se adaptarem de forma colaborativa. Além disso, reforçou a relevância do turismo de base comunitária como estratégia de empoderamento e sustentabilidade, conforme discutido por Emmendoerfer, Moraes e Fraga (2016) e Moraes, Irving e Santos (2018), que evidenciam a valorização dos saberes tradicionais e a conservação dos recursos naturais. A análise das redes de turismo em comunidades tradicionais na Bahia ressaltou a importância da governança participativa e da articulação comunitária, alinhando-se às discussões de Lazzarini (2008) e Belletti e Marescotti (2021), que apontam a necessidade de políticas públicas estruturadas e apoio institucional para fortalecer essas iniciativas.

No entanto, ainda há uma falta de reconhecimento acadêmico e público sobre essas redes, o que limita o intercâmbio de experiências e a ampliação do debate sobre o tema. A pesquisa constatou a escassez de trabalhos científicos voltados para esse campo e a ausência de registros sistemáticos sobre as redes analisadas, muitas das quais mantêm apenas perfis em redes sociais, sem atualizações regulares. Esse cenário reforça a necessidade de estudos aprofundados e da construção de bases de dados mais consolidadas, que permitam ampliar a visibilidade e a compreensão sobre essas iniciativas.

A pesquisa identificou que redes como a Rede BATUC são estratégias eficazes para o fortalecimento das comunidades tradicionais, promovendo valorização cultural, geração de renda e sustentabilidade. O uso do software Gephi para mapear as conexões entre essas redes revelou-se uma ferramenta útil para analisar interações e identificar pontos de convergência e lacunas nas articulações. A partir do grafo gerado, ainda é possível realizar análises mais análises como a avaliação da densidade da rede, que mensura o grau de conectividade entre os participantes; a detecção de lacunas e oportunidades de conexão, que podem fomentar novas interações; e o estudo do fluxo de informação e influência, que auxilia na compreensão da circulação de conhecimento e recursos. Essas análises oferecem subsídios para a elaboração de estratégias de fortalecimento das redes e abrem caminho para futuras pesquisas que explorem, de forma mais aprofundada, a dinâmica e a eficácia dessas interações.

De modo geral, as comunidades analisadas demonstraram participação ativa nas redes de turismo, com impactos positivos, apesar dos desafios enfrentados. A análise de redes emerge como uma ferramenta valiosa para a investigação do turismo em comunidades e povos tradicionais na Bahia e potencialmente em outras localidades. As redes de turismo nessas comunidades representam uma estratégia de resistência e fortalecimento sociopolítico, contribuindo para a construção de políticas públicas mais adequadas e voltadas para iniciativas que enxergam o turismo como uma alternativa para a melhoria da qualidade de vida. A pesquisa evidenciou que, apesar das dificuldades, essas redes possuem um potencial transformador significativo. No entanto, para que possam consolidar-se como agentes de mudança efetivos, é essencial superar as limitações identificadas e investir em novas pesquisas que contribuam para o aprimoramento e a replicação dessas experiências em outros contextos.

## REFERÊNCIAS

- Baggio, R., & Cooper, C. (2010). Network science: A review focused on tourism. *Annals of Tourism Research*, 37(3), 802-827. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2010.02.008>
- Barabási, A. L. (2002). Linked- How everything is connected to everything else and what it means for Business, *Science and Everydai Life*. Cambridge, Massachusetts: Perseus Publishing.
- Bartholo, R., Sansolo, D., & Bursztyn, I. (Orgs.). (2009). *Turismo de base comunitária: Diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro, RJ: Letra e Imagem.
- Benko, G. (2009) *Economia urbana e regional na virada de século*. In: Ribeiro, M.T.F.; Milani, C.R.S. (orgs). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar*. Salvador: EDUFBA. Disponível em:

- <http://books.scielo.org/id/37t/pdf/> ribeiro-9788523209322-05.pdf. Acesso em: 15 set 2022.
- Brasil. Ministério da cidadania. Secretaria Social do Desenvolvimento Social. (2009) *Povos e Comunidades Tradicionais*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em 20 set 2023.
- Brasil. Ministério do Turismo. (2015). *Boas práticas*: rede caiçara de turismo comunitário. Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/04-12-15-boas-praticas-rede-caicara-de-turismo-comunitario-pdf>. Acesso em 20 ago 2023.
- Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDAS). (2018). *Povos e comunidades tradicionais e suas relações com o território*. Disponível em: <https://www.mds.gov.br>. Acesso em 28 de janeiro de 2025.
- Belletti, G., & Marescotti, A. (2021). O papel das redes para o desenvolvimento do turismo rural e da valorização dos produtos de origem. *Redes. Revista do Desenvolvimento Regional*, 26. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5520/552070455026/552070455026.pdf>. Acesso em 20 jan 2025.
- Capra, F. (2001). *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- Di Felice, M. Torres, J. C., Tanaze, L. K. H. (2012). *Redes digitais e sustentabilidade*: as interações com o meio ambiente na era da informação. São Paulo: Annablume.
- Dias, L. C. (2005). Os sentidos da rede: notas para discussão. *Redes, sociedades e territórios*, v. 2, p. 11-28.
- Emmendoerfer, M. L., Moraes, W. V. D., & Fraga, B. O. (2016). Turismo criativo e turismo de base comunitária: congruências e peculiaridades. *El periplo sustentable*, (31).
- Fabrino, N. H., do Nascimento, E. P., & Costa, H. A. (2016). Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. *Caderno Virtual de Turismo*, 16(3).
- Flecha, A. C. (2010). *Alinhamento competitivo dos atores componentes de uma rede de turismo*. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Instituto de Ciências Exatas e Tecnológicas, Universidade Paulista, 2010.
- Flecha, A. C.; Silva, A. V. C.; Fusco, J. P. A.; Bernardes, A. T. (2012). Redes de empresas e seus efeitos sobre o turismo. *Revista Administração de Empresas*, v.52, n.4, p.386-406. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75902012000400003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902012000400003). Acesso em: 12 set 2023.
- Furini, L. A., & Silva, E. D. N. da. (2020). Redes de Turismo e Redes Geográficas: um estudo de caso nos limiares da pandemia de Covid-2019. *Turismo e Sociedade*, 13(3).
- Giordano, D. M., Bruning, E., & Bordin, A. S. (2015). Uso do scriptlattes e gephi na análise da colaboração científica. *Anais do Computer on the Beach*, 6, 239-248.
- Lazzarini, S. G. (2008). Redes de colaboração e desenvolvimento sustentável: Lições de casos brasileiros. *Revista de Administração Pública*, 42(6), 1069-1094. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122008000600002>. Acesso em 20 jan 2025.
- Lazzarini, S. G. (2008). *Empresas em rede*. São Paulo: Cengage Learning.
- Lima, D. R. D. (2023). *A construção de uma política pública ao revés: de movimento à Rede de Turismo Comunitário da Bahia* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA.
- Halme, M. (2001). Learning for sustainable development in tourism networks. *Business strategy and the Environment*, v. 10, n. 2, p. 100-114.
- Martinho, C. (2003). *Redes*: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização. 1.ed. WWF-Brasil.

- Martins, J. T. (2020). A defesa do território das comunidades tradicionais nos municípios de Ubatuba (SP) e Paraty (RJ): uma análise do Turismo de Base Comunitária da Rede Nhandereko. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- Metz, J., Calvo, R., Seno, E. R. M., Romero, R. A. F., & Liang, Z. (2007). *Redes Complexas: conceitos e aplicações*.
- Moraes, E.A. Irving; M.A. Santos, J.S.C; Pinto, M.C. (2018). Redes de turismo de base comunitária: reflexões do contexto latino-americano. *Revista Brasileira de Ecoturismo*. São Paulo, v. 9, n. 6, p. 612-623. <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2016.v9.6569>
- Morin, E. (2005). *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução por Eliane Lisboa. Porto Alegre: Ed. Sulina.
- Rovere, M. R. (1999). *Redes en Salud*; un nuevo paradigma para el abordaje de las organizaciones y la comunidad. Rosario: Ed. Secretaría de Salud Pública/AMR, Instituto Lazarte.
- Sampaio, C. A. C., & Coriolano, L. N. (2009). Dialogando com experiências vivenciadas em Marraquech e America Latina para compreensão do Turismo Comunitário e Solidário. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 3(1), 4-24.
- Scott, N. Baggio, R.; Cooper, C. (2008). Network analysis and tourism: From theory to practice. *Channel View Publication*.
- Tenório, F.G. (2012). *Gestão Social, um conceito não idêntico? Ou a insuficiência inevitável do pensamento*.IN: CANÇADO, A.C.; TENÓRIO, F.G.; SILVA JR, J. T. (orgs). Gestão Social. Aspectos teóricos e aplicações. Unijuí: Ijuí.
- Truzzi, O. M. S; Sacomano Neto, M. (2007). Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. *Revista de Administração de Empresas*, v. 47, p. 37-48. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902007000200005>
- Vieira, S., Benevides, C., & Sá, N. C. (2024). O turismo na Bahia e a difusão dos saberes tradicionais dos povos e comunidades da Reserva da Jaqueira, Matarandiba e Quilombo Kaonge. *RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo*, 14(1), 131-147.
- WTM, World Travel Market. 4º Prêmio de Turismo Responsável da América Latina. Disponível em: <<https://www.wtm.com/latin-america/pt-br/programacao/premio-turismo-responsavel.html>>. Acesso em 3 nov 2023.

---

#### FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

Vieira, S., Benevides, C. M. de J., & Sá, N. S. C. (2025). As redes de difusão dos saberes no turismo em comunidades tradicionais na Bahia. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 13(1), 690-712. DOI 10.21680/2357-8211.2025v13n1ID36499

---